



3 1761 06680263 8

BRIEF

PQD

0003547

A TENTA: ÇÃO DO MAR



POR AUGUSTO
CASIMIRO :

AUGUSTO CASIMIRO •

A

TENTACÃO DO MAR

(Poezia recitada no sarau organizado
pelo Batalhão Nacional Republicano de
Coimbra, no Theatro Avenida em 21 de
Agosto de 1911).

Brief

PRD

0003547

COIMBRA

Typ. Auxiliar d'Escritorio

—
1911

De AUGUSTO CASIMIRO :

Para a Vida — 1906.

A Victoria do Homem — 1910.

A saír breve :

Versos de Amor.

A TENTAÇÃO DO MAR

Ponho-me ás vezes a escutar, atento,
A voz do sangue, a voz da minha raça. . .
E em meus olhos, então, saüdosos, passa
Uma visão que é um deslumbramento !

Em horas de amargura e de anciedade,
Quando os meus braços tombam de fadiga,
— Ponho-me a ouvir aquela voz antiga
Religiosamente, com saudade. . .

É quando a noite cai silenciosa
E uma tristeza oculta chora em nós,
Que eu oiço aquela voz misteriosa
E me esqueço a falar com meus avós !

É quando alguém me diz que tudo é morto,
Que a Pátria é morta e destruído o lar...
Quando vagueio pálido e absorto,
Com amargura, e sem acreditar!

É quando eu vejo a terra abandonada,
O Passado esquecido... E escuto, além,
Na escuridão da noite envergonhada,
Insultarem a Pátria, a própria Mãe...

Quando ouço o Mar ao longe, embravecido,
Bolsando ao ar os negros vagalhões,
No silêncio profundo e estarecido,
A cantar as estrofes de Camões...

É quando, á luz amiga das estrelas,
O Mar saudoso e bom, o Mar profundo,
Julga, a sonhar, que embala caravelas
Que vam partir a devassar o Mundo!

Ficam-se os olhos humidos, inquietos
A interrogar em vão a noite escura...
E eu sinto em mim a tragica amargura
Dos destinos falhados, incompletos...

*

Mas, numa aurora esplendida e bemdita
É então, é então que em mim desperta
E no meu sangue novo ressuscita
O espirito da raça numa alérta!

E no meu sangue, em turbilhões, a ardêr,
Em orgulho e em fé e esforço altivo,
Todas as glórias do Passado vivo,
Todo o passado canta no meu sêr!...

... Sam primeiro os indómitos pastores,
Rudes, selvagens, livres, vagabundos,
Gigantescos, erguidos nos pendores
Das altas serras sob os ceus profundos!...

Vejo-os além de mim, longe, na bruma,
Pelas encostas barbaras da serra...
E olham receiosos a nevada espuma
Dos abraços do Mar cingindo a Terra...

Vejo-os cavando o solo... E o trigo cresce...
— Olha as seáras de oiro, os fructos loiros!...
As enxadas ao Sol, — olhai, — parece
Que scintilam no ar como tesoiros...

Vejo-os porfim á beira-Mar, um dia,
Ouvindo as ondas cérulas cantar...
E já os tenta uma visão que erguia
Aos olhos deles a canção do Mar...

Vam-se á floresta... Brilham os machados...
E os troncos descem, mortos, sobre os rios...
Ei-los, na foz que se erguem, espantados,
Ei-los no ar, sam mastros de navios...

Depois, — ó dia grande ! — eu vejo o Povo
da minha Terra á beira-mar chorando...
É o doirado romper dum tempo novo !
Sam as velas, ao longe, navegando !...

Pelo mar-fóra vão, pela aventura,
Levam sómente a graça do Senhor !
De azas abertas, pela noite escura,
Nem as detem o proprio Adamastor...

Vêde os mareantes, vêde os vagabundos,
Percorrendo as longinquas solidões...
Dam ao mundo espantado novos mundos !...
Dam ao Futuro os versos de Camões !

Abrem a Edade-nova ! E o mundo inteiro
Viu-se maior, mais rico ao despertar,
Pelo esforço do Povo-marinheiro
Que atravessára e dominára o Mar...

Grita em meu sangue a fúlgida epopeia,
Céga-me a luz a arder de tantos sois,
Sóbe do Mar da Gloria a maré cheia,
O Sol aureóla as fronte dos herois!

E entam em mim renasce o velho culto,
O antigo amor, a vida vencedora...
E em meus olhos ardentes passa o vulto
Duma Patria a sorrir como uma aurora.

Pulsa irrequieto, a arder, meu sangue novo.
Rasga-se ao meu olhar um alto fim!...
E toda a alma heroica deste povo
Sinto-a sonhar e delirar em mim...

Ah! como é bela a Vida anciosa, inquieta,
Ah! como é grande e belo navegar!
— Sou marinheiro porque sou Poeta,
— Vinde comigo, vamos para o Mar!

Ah! como é bela a ancia desmedida
Que nos dilata o peito, a estremecer,
E nos exalta e nos dilata a vida,
E nos levanta e diviniza o ser!

Ó meus avós — herois da Descobérta,
Quéro ir convosco pelos máres fóra...
É a vossa alma que hoje em mim desperta,
É o vosso coração que eu sinto agora!

Vamos todos p'ra o Mar!... Se acaso o Mundo
Estreito fôr p'ra tanta anciedade,
Vamos ás Indias que ha no céu profundo,
Vamos cruzar, correr a Imensidade!...

Numa divina ancia erguei os braços,
Livre já das algêmas, para o Céu!
— Ha muitos soes brilhando nos espaços, —
Vamos roubá-los como Prometeu!...

Ha mundos novos p'ra arrancar á Treva,
Muitas venturas p'ra roubar á Dôr...

— Partámos todos numa ardente léva,
Erguendo ao alto pavilhões de Amôr!

No mar profundo e vasto do Futuro
Ha muitas Indias para descobrir...
Vamos abrir á luz o Oceano escuro,
Vamos tocar ás praias do Porvir!...

É embarcar e partir, com anciedade!
— Vamos buscar aos horisontes nóvos,
Indias-nóvas de Amor e liberdade,
E mais luz e justiça para os Póvos!...

É olhar o Passado! — Olhai-o vós
Com bons olhos de Amor... E escutai!
— É toda a Historia que se escuta em nós,
— Vêde a maré de gloria que ahi vai!

Deitai barcos ao Mar! Eh! — marinheiros!
Que esperais vós, entam? — Vá, embarcar!...
— Nós somos inda os mesmos marinheiros,
— É este ainda o mesmo antigo Mar!

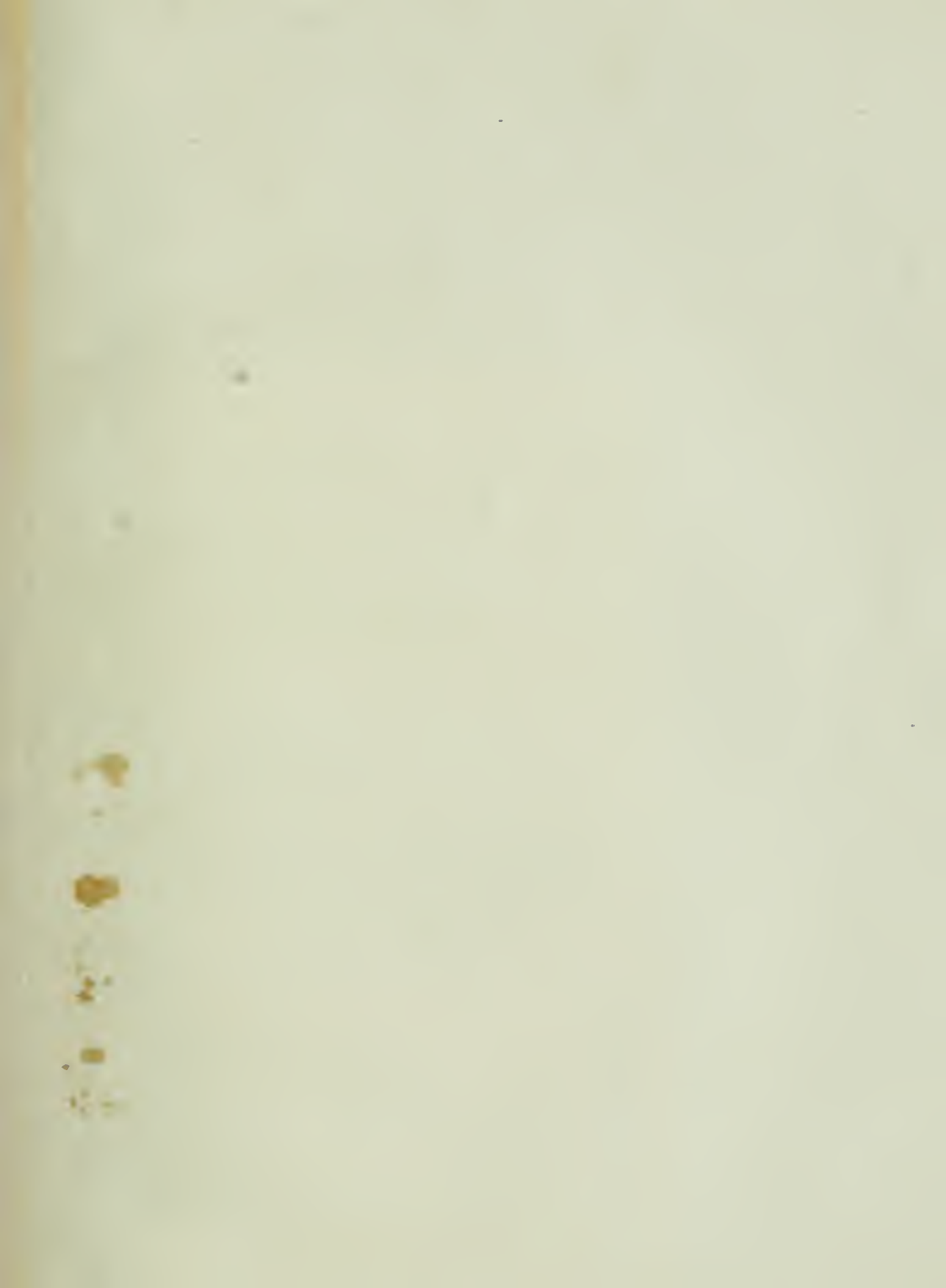
O mundo é sempre novo, — ó meus amigos!
E o Futuro é imenso e o Ideal...

— Embarquemos p'ra o Mar como os antigos,

— Que este é ainda o mesmo Portugal!

S. João do Campo — 12 de Agosto, 1911.







MC 118

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PQD

0003547

01821428

UTL AT DOWNSVIEW



D 39 09 08 18 06 002 8
RANGE BAY SHLF POS ITEM C